

PROFISSIONALISMO E DECADÊNCIA : A HISTÓRIA SE REPETE?

Célia Maria Couto Correia¹

Sílvia Maria Agatti Lüdorf²

¹Departamento de Jogos, UFRJ

²Departamento de Ginástica, UFRJ

Resumo

As atividades físicas eram muito valorizadas na Grécia antiga, constituindo parte de seu programa educativo. Pode-se dizer que a sistematização da educação física e do esporte são originárias dos gregos, daí sua importância histórica. Dentre os jogos competitivos que eram realizados, destacavam-se os Jogos Olímpicos, em virtude de sua abrangência, importância e permanência através dos séculos. O profissionalismo surge como necessidade de dedicação exclusiva para se alcançar a vitória. Entretanto, com o seu advento, observa-se a decadência do esporte, pois passa-se a valorizar mais o dinheiro e o resultado, do que propriamente os benefícios físico-educativos. Nas eras moderna e contemporânea, o desporto acaba por firmar-se como um dos maiores fenômenos sociais. O esporte-espetáculo praticamente domina o panorama esportivo, alastrando sua filosofia de rendimento e de lucro na sociedade. O profissionalismo entra novamente em cena, agora, porém, com muito mais força. O atleta é tratado como mercadoria e seu valor é estipulado de acordo com o retorno financeiro que trará, por meio da mídia e da venda de produtos. Traçando um paralelo com a civilização grega, vemos que a história se repete, pois os valores formativos do esporte estão sendo deixados de lado em troca de interesses financeiros, o que pode significar o início de um processo de decadência do esporte, como o que ocorreu na Antiguidade.

Unitermos: História do esporte; profissionalismo; decadência.

Abstract

Physical activities were highly praised in Ancient Greece and were part of their educational program. Actually, the historical importance of the physical education and sport systematization is connected to its origin in the Greek culture. Among the competitive games at those times, the Olympic Games received a special attention considering its broadness, importance and duration throughout the centuries. The professionalism emerged as a need of exclusive dedication in order to achieve victory. However, sport decadence was observed after professionalism. The monetary aspect and the results were more valued than the sports physical and educational benefits. In the Modern and Contemporary ages, sports are placed as a great social phenomenon. The sportive field is almost dominated by the sport-show, spreading out the philosophy of profit in the society. Professionalism comes into play again, but at this time even stronger. The athlete is considered a merchandise and the terms are stipulated according to the financial return from the media and product marketing. Comparing to the Greek civilization, a history repetition process is observed. The formative characteristics of the sport are not being considered in favor of financial benefits, which might lead to the beginning of sport decadence, as it happened at the Ancient times.

Key Words: Sport's history; professionalism; decadence.

Introdução

A Grécia desempenhou papel fundamental na formação cultural do mundo, principalmente na civilização ocidental. Seus legados artísticos e culturais transcenderam barreiras temporais e imortalizaram-se nas obras de seus expoentes, tais como Platão, Aristóteles, Homero, entre outros. Podemos considerar que as raízes da história da educação física e do esporte também se encontram na Grécia antiga. Segundo Gillet (1971), “O atletismo grego produziu, em princípio, o tipo mais acabado de uma educação e de uma moral esportivas” (p. 121).

A importância do esporte para aquela sociedade pode ser analisada sob vários aspectos: educativo, como elemento fundamental de formação; utilitário, devido seu caráter guerreiro e militar; religioso, como forma de culto aos deuses; competitivo, na organização dos jogos atléticos; e estético, na busca da beleza física. Como evidências desta influência, podemos citar as construções voltadas à prática de atividades físicas – estádios, ginásios e palestras –, bem como a realização durante aproximadamente doze séculos dos Jogos Olímpicos, posteriormente reeditados na era moderna (Ramos, 1982).

Assim como a educação física caminhou ao lado do progresso da civilização grega, participou, também, de sua decadência, sofrendo as consequências desta. As invasões romanas, a profissionalização dos atletas e o advento do cristianismo foram cruciais para o declínio do espírito helênico. Em decorrência, o esporte experimentou a transformação dos seus ideais: de formativo passou a ser meramente combativo; de confraternizador, a violento; de harmônico, a corrupto; de educativo, a interesseiro.

E atualmente, como se comporta o fenômeno esportivo? Quais são seus objetivos? Quais os seus fins? A essência do esporte se modificou quando a comparamos com a essência do esporte como era praticado na Grécia antiga?

Consideramos que, dentre as finalidades do estudo da história, ressalta o aprendizado com as experiências anteriores, bem como a melhor

compreensão do presente à luz do passado. Neste contexto, pretendemos analisar e discutir o papel que o esporte desempenha atualmente na sociedade, baseando-nos em sua origem grega. Para chegarmos a estas e a outras respostas, desenvolveremos o presente trabalho abordando inicialmente a história do esporte na Grécia e destacando suas principais contribuições. A seguir, faremos um breve histórico do esporte nas eras moderna e contemporânea. Finalizaremos com uma análise crítica, estabelecendo comparações entre o fenômeno esportivo na Antiguidade e o esporte no mundo atual.

Atividades físicas na Grécia Antiga

Os gregos representam um dos primeiros povos a valorizar a importância das atividades físicas para o desenvolvimento harmônico do homem. Segundo Griffi (1989), o primeiro e verdadeiro “florescer” da educação física surge na civilização grega. A sistematização da cultura física propiciou a inclusão da educação física na pedagogia de base na Grécia. Em seu período áureo, era difundida por todo o mundo helênico, já que integrava parte de sua cultura, sendo que a ginástica teve um lugar de destaque a partir do século VI a.C. Os gregos eram considerados o protótipo da beleza humana, o que demonstrava o seu interesse por esta prática.

Atenas e Esparta eram as duas *pólis* (cidades-Estado) de maior expressão na Grécia antiga. Possuíam, entretanto, ideologias diferentes, e até certo ponto antagônicas. Isto se refletia na educação física e em sua organização no sistema educativo, pois, embora a educação física ocupasse lugar de destaque, apresentava enfoques diferenciados em cada uma destas cidades.

Em Atenas, as atividades físicas tinham caráter formativo, constituíam uma das disciplinas básicas, o que levou à instituição dos pedótribas. Estes, cuja função era orientar a ginástica, podem ser considerados os precursores da figura do professor de educação física. Os exercícios eram adequados à faixa etária, respeitando-se uma

progressão pedagógica e fisiológica, visando unir o aspecto físico às qualidades morais.

Já em Esparta a preparação física era muito mais rigorosa e disciplinada, uma vez que estava direcionada para fins militares. Daí afirmar Griffi (*op. cit.*) ter sido em Esparta onde “nasceu e desenvolveu-se a ginástica militar, na verdadeira acepção da palavra, justamente porque aí encontrou suas melhores condições ideológicas” (p. 41). Por ser considerado a cidade do dever, o interesse coletivo prevalecia. A mulher também era submetida às mesmas práticas, ao contrário do que ocorria em Atenas, onde ela se dedicava apenas às atividades domésticas.

Além do aspecto guerreiro e educativo das atividades físicas, havia ainda sua vinculação a aspectos religiosos. Na religião grega, de característica mítica, os deuses eram modelos de beleza e força, e “isso fazia com que cada grego procurasse ser um atleta, portanto, um herói, um semideus” (Ramos, 1989, p. 101). Diversos jogos eram organizados como forma de homenagear e glorificar aos deuses. Dentre eles, os de maior destaque e que congregavam o maior número de participantes eram os Jogos Olímpicos, em honra a Zeus. Realizaram-se em Olímpia durante doze séculos e eram considerados, segundo Pausânias, “reuniões de valor, não de dinheiro”. No dizer de Henri Pouvert, representavam “o centro de fusão de todas as manifestações religiosas, sociais, militares, artísticas e políticas do mundo grego”. Estabelecia-se, inclusive, um período de trégua sagrada, no qual as guerras eram interrompidas, a fim de que aqueles que se dirigissem aos jogos, pudessem fazê-lo em segurança.

As provas eram disputadas no estádio olímpico e os atletas vencedores das modalidades seguiam para o seu momento de glória: a premiação. O valor desta premiação não poderia de modo algum ser medido por sua riqueza material, mas pela imperecível honra a que uma simples coroa de oliveira aludia.

A notícia da vitória chegava rapidamente à pátria por meio de pombos mensageiros. O vencedor, considerado o preferido dos deuses, era recebido em sua *pólis* com todo tipo de honrarias, que incluíam

estátuas e poemas que o celebrizavam como personagem, e ainda sendo assediado por ricos e distintos cidadãos, que o queriam como genro. Talvez o atleta até ganhasse uma recompensa em dinheiro, uma renda vitalícia, ou mesmo tivesse seus custos sustentados por toda vida pelo Estado, porém nada disso era mais importante ou desejado que a própria vitória nos jogos.

A popularidade alcançada pelos atletas e as recompensas advindas das vitórias conquistadas provocaram mudanças na forma de interpretação da educação de base do jovem grego. A popularidade e o esplendor da educação física ressentiram-se da influência negativa do profissionalismo esportivo e da prática desvirtuada dos esportes. Em decorrência, ocorreu uma perda gradativa do seu caráter educativo-formativo para atender apenas aos objetivos utilitaristas e de efeitos predominantemente fisiológicos. A competição não mais visava atingir a excelência, a virtude, o harmonioso desenvolvimento do corpo, nem o orgulho de adquirir glória para si e para as *pólis* que os atletas representavam, mas, única e tão-somente, o desejo de altos ganhos em breve tempo. As coroas de oliva não satisfaziam mais as necessidades dos vencedores, que ambicionavam dons e prêmios em dinheiro.

Com esta nova visão, nasce a figura do treinador, e, com ele, as técnicas de treinamento rudimentares, mas bastante avançadas para a época. A estes profissionais cabia a orientação do ponto de vista atlético e científico de cada esporte e para cada atleta, que deveria seguir um regime de vida especial. Era também da alçada do treinador possuir noções de caráter fisiológico, dietético e também psicológico, a fim de adequar e harmonizar o ensinamento técnico ao caráter de cada indivíduo. Os gregos foram os primeiros a trabalhar estes diversos aspectos de forma integrada no treinamento, agregando, ainda, técnicas de respiração, relaxamento, massagem e dietas específicas às diferentes modalidades esportivas.

Durante o período preparatório, era utilizado um sistema conhecido como tetras, que consistia em um ciclo de treinamento contínuo, no qual os

atletas, durante quatro dias, realizavam exercícios pesados que, a cada dia, iam diminuindo de intensidade, até tornarem-se, no último dia, um treinamento suave.

Poder-se-ia pensar que, sob a direção dos treinadores, os atletas alcançassem um alto grau de perfeição. Infelizmente, isso nem sempre ocorria, chegando-se, pelo contrário, a formas degenerativas. Conforme Ramos (1989), a prática da superalimentação e o intenso esforço físico produziam nos atletas efeitos contra-indicados e danosos aos membros, como a hipertrofia e a atrofia.

A prevalência do profissionalismo, paulatinamente, desnaturou também as últimas características morais do esporte, uma vez que, na busca de "atletas para resultados", recrutavam-se indivíduos de moral duvidosa. Assim, com a degeneração do atletismo profissional, desapareceu a verdadeira essência da educação física grega. Os exercícios corpóreos, outrora parte integrante e fundamental da educação, nada mais tinham a ver com aquela primeira idéia concebida.

O esporte nas eras moderna e contemporânea

A conceituação moderna do esporte surgiu na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, a partir da experiência de Thomas Arnold com os alunos do Colégio Rugby. Segundo Gillet (1971), Arnold não foi um inventor de jogos ou exercícios, como o foi Jahn, nem criador de um método, como Ling ou Amorós, mas a importância de sua obra está na aplicação de suas idéias no colégio. Com uma perspectiva pedagógica, deixou que os estudantes se organizassem na prática esportiva e que gradualmente fossem estabelecendo regras e responsabilizando-se pelas associações esportivas. Estimulou a participação e o respeito perante os adversários e aos regulamentos, cunhando a expressão *fair-play*, que, hoje em dia, é normalmente utilizada como lema (nem sempre respeitado) em competições esportivas. A este respeito, Sérgio (1976) ressalta que, embora a iniciativa de Arnold tenha sido original e importante,

não alcançava a democratização esportiva, já que esse tipo de prática estava restrito à classe dominante. Desta forma, a maioria da população não tinha acesso aos benefícios educativos que o programa acadêmico proporcionava.

A Inglaterra desempenhou um papel fundamental na evolução do esporte, ao difundi-lo internamente em colégios e universidades e, posteriormente, em outros países. Competições eram organizadas, instituíram-se as primeiras federações e foram criadas regulamentações para várias modalidades de esporte praticadas na atualidade, como atletismo, futebol, remo, tênis etc. Mas, mesmo com todos esses méritos, não é possível esquecer que, à exceção de jogos corporais como a luta e o boxe, o esporte não era acessível às classes populares.

O fenômeno esportivo desenvolveu-se consideravelmente quando alcançou as nações européias e a América do Norte. A Associação Cristã de Moços, entidade religiosa e esportiva, impulsionou ainda mais esta expansão, tendo papel importante, inclusive no Brasil, onde divulgou a ginástica calistênica, o voleibol e o basquetebol (Ramos, 1989).

No panorama mundial, o crescimento do esporte é fortemente marcado pelo olimpismo. Pierre de Coubertin, aristocrata francês de inspiração humanista, bastante influenciado pelas idéias de Arnold e pelos ideais da Grécia antiga, inicia em 1888 um movimento em prol da restauração dos Jogos Olímpicos (Ramos, *op. cit.*). Devido a seu esforço, a seu poder de persuasão e à intensa articulação internacional, conseguiu inaugurar em 1896, em Atenas, os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna. Contando inicialmente com apenas 285 atletas participantes e nove modalidades, os jogos apresentaram sensível crescimento ao longo dos anos. Em termos comparativos, as Olimpíadas de Atlanta em 1996 contaram com a participação de cerca de 10.000 atletas, que disputaram 32 modalidades esportivas (*Chronicle of the Olympics*, 1996).

No Brasil, os esportes eram praticados inicialmente em clubes e, na última década do século passado e no início deste, restringiam-se

às modalidades de natação e remo. Mais tarde, surgem os clubes de futebol e, gradativamente, as demais atividades. Em relação às escolas, a educação física torna-se obrigatória em 1931, com a adoção do método francês de ginástica.

Bracht (1992) diz que no período pós-guerra o esporte alcança grande desenvolvimento quantitativo nos países sob influência européia, afirmando-se como elemento hegemônico da cultura do movimento. E complementa: "No Brasil, as condições para o desenvolvimento do esporte, quais sejam, o desenvolvimento industrial com a conseqüente urbanização da população e dos meios de comunicação de massa, estavam agora, mais do que antes, presentes" (p. 22). Com estes elementos, aliados ao interesse cada vez maior que as Olimpíadas e demais competições despertavam no mundo contemporâneo, o fenômeno adquire amplitude superior ao meramente esportivo, tornando-se um poderoso instrumento político e econômico. Seus efeitos, benéficos ou não, são irreversíveis para a sociedade de um modo geral.

Uma das conseqüências positivas deste processo foi o surgimento de uma intelectualidade internacional, "nascida justamente pela intenção de contestar e discutir as exacerbações que a cada dia aumentavam nas competições e nas gerências esportivas", movimento que "deu início à Sociologia do Esporte" (Tubino, 1992b, p. 10).

Dentre os pensadores estrangeiros, Cagigal (1972; 1979; 1981) deteve-se numa análise profunda do esporte, tratando-o como um fenômeno extremamente complexo e de difícil definição. Sob uma ótica humanista, defendia a sua função educativa e social: "O esporte será tanto mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa" (1979, p. 58). Porém, em virtude de ser universal e de ter se tornado uma das instituições mais chamativas da sociedade, o autor alertava sobre sua possível deturpação: "Penso que um dos grandes perigos que ameaçam o esporte é a sua manipulação política, tão grave quanto a sua manipulação mercantilista" (1981, p. 154).

Sérgio (1976) criticou o esporte baseado na exagerada competitividade, por priorizar o lucro e

o rendimento, trazendo no seu bojo males como o adestramento, a especialização precoce e o individualismo. Entretanto, argumentou que a saída seria a democratização esportiva como direito inalienável do homem, para que este pudesse beneficiar-se física, emocional e culturalmente.

A comunidade científica brasileira ligada à educação física, embora com um certo atraso em relação à internacional, também começou a produzir significativas contribuições para a discussão e a reflexão em torno do esporte.

Ghiraldelli (1992) destaca, dentre cinco tendências detectadas na educação física, a *educação física competitivista*. Esta corrente, de caráter tecnicista, preconiza o esporte de alto nível como principal objetivo, voltando-se para a performance e para o culto do atleta-herói. Nessa perspectiva reducionista, a educação física escolar acaba se subordinando aos valores, regras e princípios esportivos, sem questioná-los. Na busca de uma superação e de um redimensionamento da área, várias propostas de cunho progressista ou crítico foram feitas, como as de Ghiraldelli (*op. cit.*), de Bracht (1992) e do Coletivo de Autores (1992), que possuem em comum o fato de desmistificarem o caráter reprodutivista e funcionalista do esporte e sugerir um novo enfoque sociopedagógico.

Tubino (1992b) refere-se à revolução que sofreu o conceito de educação física a partir de manifestos internacionais de fundo filosófico, pleiteando o direito de todos à prática esportiva. Neste novo contexto, o esporte se manifestaria em três dimensões: esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance ou rendimento.

Algumas distorções do fenômeno esportivo são observadas na sociedade, como a utilização político-ideológica, a busca da vitória a qualquer preço, o *doping* e o mercantilismo. Na realidade, estas distorções estão imbricadas umas às outras, tornando-se difícil analisá-las separadamente. O mercantilismo, conforme Tubino (*op. cit.*), destrói gradualmente os valores esportivos desenvolvidos desde a Antigüidade e consolidados no *fair-play*. O esporte passa a ser negócio e promove "o deslocamento do foco principal para a lucratividade e produtividade em detrimento do próprio homem

e dos interesses reais coletivos” (p. 49).

No último Congresso Mundial sobre “Doping”, chegou-se à conclusão de que não há recursos técnicos para coibir o uso indiscriminado de drogas, que vem se alastrando no mundo esportivo. Com isso, os dirigentes “admitiram que o esporte quimicamente limpo está rapidamente se transformando em coisa do passado” (Cardoso, 1999, p. 64).

O profissionalismo de um número cada vez maior de atletas surge a reboque desta transformação que o esporte vem sofrendo ao longo dos anos. O papel do patrocinador, atualmente, é fundamental, pois o patrocínio é o sustentáculo da equipe. O esporte e seus ídolos, produzidos e veiculados pela mídia, afirmam-se como um poderoso instrumento de propaganda e, com isso, de consumo: “As empresas são incentivadas à adoção de atletas que, tornando-se produtos, passam a circular no mercado e valem pelo que vendem” (Oliveira, 1994, p. 107).

As crianças, por sua vez, ficam deslumbradas diante de exemplos bem-sucedidos de esportistas de origem humilde que gozam de fama e dinheiro. Entretanto, não atentam para o fato de que estes casos são exceções. Lüdorf (1995) detectou, em seu estudo com pais e respectivos filhos praticantes de esportes, que a concepção de esporte como uma opção de carreira profissional foi significativamente mencionada. Esta evidência mostra uma inversão de valores, já que muitos compactuam da idéia de relegar, inclusive, os estudos a um segundo plano. A carreira de atleta passou a ser aceitável socialmente, não tanto pelos benefícios que a atividade física proporciona, mas, fundamentalmente, pelo aspecto monetário. “Hoje em dia, com os salários milionários rondando o esporte e com a dificuldade de se encontrar um bom emprego, a profissionalização passa a ser uma alternativa natural e até mais atraente” (Lüdorf, *op. cit.*, p. 82).

Conforme foi visto, o início do esporte moderno era baseado em princípios pedagógicos e sociabilizantes. Com o advento, todavia, do profissionalismo e dos meios de comunicação de massa, o esporte-espetáculo ganha cada vez maior

amplitude em detrimento de seus ideais educativos.

Considerações finais

Diante do exposto, ao fazermos uma correlação entre o esporte de competição na Grécia antiga e na era contemporânea, podemos observar alguns pontos em comum. Uma vez que o mesmo passa a ser assumido de forma profissional, nota-se uma modificação nos interesses dos atletas e, conseqüentemente, na sua função social. Se antes a preocupação era em torno do prazer e se era a satisfação da vitória que aprimorava o “ser”, agora o que importa são os benefícios materiais que advêm da condição de atleta e resultam no “ter”.

É inegável que o profissionalismo contribuiu também positivamente, como ao provocar o desenvolvimento de diversas ciências que unem-se em torno do objetivo de fornecer ao esportista suporte físico e material de qualidade, ou, ainda, ampliando o campo de trabalho da educação física. Entretanto, o que nos preocupa é a discussão do verdadeiro papel social do esporte quando envolto pelo profissionalismo. Os objetivos seriam voltados à uma visão integral do ser humano, ao seu desenvolvimento físico, psicológico e social? Ou ao lucro, à fama e aos benefícios políticos acarretados por esta condição?

A estrutura criada na Grécia com o objetivo de preparar o atleta para um melhor desempenho serviu de base e sofisticou-se em termos de recursos que aliam o progresso tecnológico à busca cada vez mais apurada do resultado. Atualmente, pode-se dizer que existe até a possibilidade de “fabricação” de atletas. O referencial do profissionalismo esportivo mostrado à sociedade é tão direcionado ao retorno financeiro e à ascensão social, que os princípios básicos de treinamento chegam a ser desrespeitados, como pode ser observado na iniciação esportiva. A preparação das crianças pauta-se, normalmente, pelo investimento na descoberta de talentos com vistas ao futuro retorno financeiro. Desta forma, pode-se perder, inclusive, a noção dos limites individuais e éticos, quando as crianças são submetidas a cargas muitas vezes excessivas de trabalho, nos moldes

preconizados pela ideologia do rendimento. Geram-se, assim, atletas profissionais de forma cada vez mais precoce.

A precocidade traz no seu bojo algumas distorções, como a diminuição da "vida útil" do atleta, que, tão rápido quanto alcançou o alto nível, desgasta-se física e emocionalmente em virtude das pressões sofridas, podendo desistir da carreira – isto sem mencionar os efeitos danosos do excesso de treinamento, como a fadiga, os traumas, o estresse, os distúrbios alimentares, as contusões etc.

Nota-se que, embora em um contexto diferente do da Antigüidade, o advento do profissionalismo, dentre outros fatores, contribuiu substancialmente para a modificação do sentido e dos valores do esporte na sociedade. Naquela época, foram observados os efeitos funestos da

vaidade e da busca insaciável pelo dinheiro na cultura humanista helênica, que sofreu sensível desgaste. Hoje, o fenômeno se repete, multifacetado e camuflado pela mídia, que invade nossa existência e divulga suas regras. Podemos aceitá-las e continuar passivamente a acompanhar o rumo desta saga, cujas conseqüências derradeiras a história nos ensinou. Mas, urge a necessidade de parar e refletir... Enfim, se a história se repete, o que podemos fazer para modificar o seu final?

Célia Maria Couto Correia

Sílvia Maria Agatti Lüdorf

Escola de Educação Física e Desportos

Av. Brigadeiro Trompovsky, s/nº

CEP: 21940 - 610

Cidade Universitária – Ilha do Fundão

Rio de Janeiro – RJ

Referências Bibliográficas

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre : Magister, 1992.

CAGIGAL, José M. *Oh, Deporte! Anatomía de un gigante*. Espanha : Miñon, 1981.

_____. *Cultura intelectual y cultura física*. Buenos Aires : Kapelusz, 1979.

_____. *Deporte, pulso de nuestro tiempo*. Madrid : Nacional, 1972.

CARDOSO, M. Liberou geral. *Veja*, Rio de Janeiro, edição 1.585, n. 7, p. 64-65, fev. 1999.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo : Cortez, 1992. (Magistério 2º grau. Série formação do professor).

FEIO, Noronha. *Desporto e política – ensaios para sua compreensão*. Lisboa : Compendium, 1979.

CANFIELD, Jefferson. *Movimento humano: conceitos e uma história*. Santa Maria : UFSM, 1995.

CHRONICLE OF THE OLYMPICS: 1896 – 1996. London : Dorling Kindersley, 1996.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo : Loyola, 1992.

GILLET, Bernard. *Historia del deporte*.

Barcelona : Oikos-tau, 1971.

GRIFFI, Giampiero. *História da educação física e do esporte*. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1989.

LÜDORF, Sílvia M. A. *Representações sociais do esporte: um estudo com pais*. Fortaleza, 1995. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará.

OLIVEIRA, Vítor M. *Consenso e conflito da educação física brasileira*. Campinas : Papirus, 1994.

RAMOS, Jayr J. *Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias*. São Paulo : Ibrasa, 1982.

SÉRGIO, Manuel. *Para uma nova dimensão do desporto*. Lisboa : Gráfica Imperial, 1974.

_____. *Desporto em democracia*. Lisboa : Seara Nova, 1976.

_____. *A prática e a educação física*. Lisboa : Compendium, 1978.

_____. *Ideário e diário – um filósofo reflecte o desporto*. Lisboa : Compendium, 1984.

TUBINO, Manoel J. G. *Esporte e cultura física*. São Paulo : Ibrasa, 1992a.

_____. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1992b. (Polêmicas do nosso tempo, v. 44).